

## Educação Empreendedora: um Estudo de Caso com Estudantes do Ensino Médio

Suzete Antonieta Lizote

UNIVALI

[lizote@univali.br](mailto:lizote@univali.br)

Adriane Lintener Mirana

UNIVALI

[adriane.mirand@hotmail.com](mailto:adriane.mirand@hotmail.com)

Caroline Gon

UNIVALI

[carlogon@gmail.com](mailto:carlogon@gmail.com)

Samantha Guedes da Silva

UNIVALI

[saguedes@gmail.com](mailto:saguedes@gmail.com)

### Resumo

Nas últimas décadas cresceu substancialmente o interesse pela aprendizagem e educação empreendedoras, estimulando novas formas de pensar sobre o indivíduo empreendedor e o papel do ensino no seu desenvolvimento. Diante deste contexto, este estudo tem como objetivo reconhecer as competências empreendedoras que os alunos do Colégio de Aplicação da Univali (CAU) desenvolveram no Ensino Médio com a disciplina de Sociedade e Cultura. A pesquisa de natureza descritiva, teve abordagem quantitativa, sendo aplicado um questionário de autopreenchimento com base no modelo de Cooley (1990, 1991), que destaca as competências empreendedoras em 3 conjuntos (Realização, Planejamento e Poder). A população pesquisada foram os alunos dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio do CAU. Os resultados apontaram que os discentes, desenvolveram diversas competências ao fazerem a referida disciplina. Destaca-se a busca de oportunidade e comprometimento no conjunto de realização ao afirmarem estarem satisfeitos com a disciplina. No planejamento, predominou o reconhecimento de oportunidades para criar novos produtos/serviços, desenvolvendo a competência de busca de informações. Por fim, no conjunto poder, os discentes afirmaram que acreditam no sucesso do empreendimento constituído na disciplina, ou seja, desenvolveram a autoconfiança.

**Palavras-chave:** Ensino médio; Educação Empreendedora. Competências Empreendedoras.

**Linha Temática:** Tecnologias e técnicas de ensino, abordagens normativa, positiva, axiomática, semiótica e histórica.

Realização:



## 1 Introdução

As instituições de ensino fazem parte do processo de desenvolvimento dos jovens, de sua preparação para o meio social, ou seja, a escola é a intermediadora entre o indivíduo e a sociedade. Seu papel é muito mais do que simplesmente formar.

A educação não se desenvolve somente no ambiente escolar. Ele é um ambiente que tem a função de produzir conhecimentos e contribuir no desenvolvimento de capacidades do indivíduo. Por isso, é tão importante trabalhar a questão da educação empreendedora e a sua implantação nas escolas, pois, ao promover o desenvolvimento dessas competências empreendedoras, ocorre uma formação mais qualificada para enfrentar o meio social e os desafios por ele apresentados. Lima et al. (2014) descrevem que a educação empreendedora gera efeitos positivos para a autoeficácia dos estudantes, estimula o comportamento empreendedor e diferentes competências úteis para se empreender.

A escola tem papel essencial na educação formal e por meio dela pode-se propagar a criação de novas ideias, o surgimento de oportunidades, a persistência e a organização, que são qualidades advindas de um empreendedor e que podem garantir ao jovem um futuro melhor, longe das taxas de criminalidade, da pobreza e da desigualdade socioeconômica.

As instituições de ensino, hoje se apresentam como centros reflexivos do saber, com profissionais altamente capacitados, que têm a função de produzir e socializar o conhecimento. Elas são instrumentos de renovação e mudança e, historicamente, contribuem para o avanço da cultura, ciência, tecnologia e inovação técnica e social. Constitui um local propício para a discussão de ideias e ideologias e, também, o espaço intelectual onde o mérito e a competência devem ser os passaportes para o reconhecimento e o sucesso.

Na sociedade do conhecimento o indivíduo tem que estar preparado para enfrentar o mundo informacional e globalizado, ato este que exige tanto o saber fazer, como o saber ser. Estes imperativos de acordo com Stefaniczen (2017), são essenciais para a sobrevivência, contextualizada no aprender a aprender e podem ser traduzidos na prática de geração do crescimento organizacional através de mecanismos recursivos de formação de competências.

Com base no contexto descrito, este estudo buscou resposta ao seguinte questionamento: Quais são as competências empreendedoras desenvolvidas pelos alunos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Univali (CAU)? Para tanto, foi definido como objetivo geral reconhecer as competências empreendedoras que os alunos do CAU desenvolveram no Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Univali (CAU) com a disciplina de Sociedade e Cultura.

Justifica-se esta pesquisa pela possibilidade de demonstrar o desenvolvimento de competências empreendedoras por meio de conteúdos, no ensino médio. Da mesma forma, que estudos desta natureza podem contribuir significativamente para as práticas pedagógicas buscando direcionar as ações que estimulem a presença do professor empreendedor como agente de inovação. Cheung e Au (2010) ressaltam que as aulas de educação empreendedora não devem centrar-se em livros didáticos, mas devem permitir a experiência prática dos estudantes por meio do contato com o contexto efetivo dos empreendedores.

Do mesmo modo, os resultados alcançados e sua articulação com o referencial teórico,

Realização:



podem permitir planejar ações que contribuam para a área do empreendedorismo. Também é relevante evidenciar que o desenvolvimento das competências empreendedoras poderão contribuir para o sucesso profissional pois uma vez mapeadas aquelas desenvolvidas pelos discentes, serão evidenciados os pontos fortes que podem ser aproveitados e os pontos a serem melhorados.

Após esta introdução, a estrutura deste estudo apresenta o referencial teórico. Na sequência, relacionam-se os procedimentos metodológicos e a descrição da análise dos dados, apresentando os resultados obtidos. Posteriormente, são apresentadas as considerações finais desta pesquisa e evidenciado as referências utilizadas.

## 2 Referencial Teórico

Nesta seção são descritos os tópicos essenciais para a compreensão do tema abordado.

### 2.1 Educação Empreendedora

Diversas IES investem na educação empreendedora, pois reconhecem o poder para inovação e desenvolvimento do país. No entanto, isso ainda não acontece com frequência no Brasil, pois cerca de 56% dos alunos acreditam que iniciativas de empreendedorismo – disciplina, incubadoras e eventos – podem ser essenciais para deixá-los preparados para empreender, mas apenas 38,78% das universidades correspondem oferecendo oportunidades equivalentes (Endeavor, 2016).

Na Conferência Mundial sobre Ensino Superior, promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 1998, o artigo 7º faz alusão ao reforço da cooperação com o mundo do trabalho e uma análise e previsão das necessidades da sociedade. Ainda nesse artigo, o parágrafo *d* destaca a preocupação com as IES em oferecer aos estudantes o espírito de iniciativa, bem como aprender a empreender, com a finalidade de facilitar posteriormente a empregabilidade dos graduados (Unesco, 1998, art. 7º).

Ao discutir Novas dinâmicas do Ensino Superior e Pesquisas para a Mudança e o Desenvolvimento Social na segunda Conferência Mundial sobre Ensino Superior, promovida também pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 2009, foi ressaltado no artigo 18º que o treinamento oferecido pelas IES deve além de visar necessidades sociais, antecipá-los, e um dos meios que é ressaltado para que isso aconteça é a educação empreendedora (Unesco, 2009, art. 18º).

Azevedo (2015) destaca que não são apenas as pessoas que desejam ter um negócio próprio que demandam por educação empreendedora, pois outras áreas também competem por esse tipo de formação. Assim, nota-se a necessidade das universidades tornarem-se cada vez mais empreendedoras para com os estudantes, pois como define Etzkowitz (2003) a universidade empreendedora é aquela que é capaz de formular um direcionamento estratégico. Hjorth (2011) descreve sobre a importância de provocar os estudantes e de proporcioná-los uma experiência de vida, em que sejam provocados a agirem e refletirem sobre suas ações através da experiência

empreendedora.

As IES devem ter seus objetivos acadêmicos claros e transformar o conhecimento gerado em valor econômico social, afinal, a universidade é um ambiente propício à inovação e os alunos são fonte potencial de empreendedores. Lima et al. (2014) descrevem que a educação empreendedora gera efeitos positivos para a autoeficácia dos estudantes, estimula o comportamento empreendedor e diferentes competências úteis para se empreender.

Balconi (2016) orienta que a experiência na educação empreendedora se refere ao planejamento de negócios, a participação em jogos e simuladores empresariais, experimentando o exercício da negociação, desenvolvendo produtos e criando oportunidades de negócios. Esse tipo de experiência tem o objetivo de orientar os estudantes a se tornarem empreendedores, criando seus próprios negócios e fomentando a economia. Para Hashimoto, Krakauer & Carsoso (2018), ao promover a capacidade empreendedora, proporcionamos opções de carreira aos jovens que não querem um emprego, trazendo novos valores que dão mais opções a eles.

Neste sentido, a Universidade do Vale do Itajaí, tem um colégio – Colégio de Aplicação Univali – que atende desde a educação infantil até o ensino médio. No ensino médio, no segundo ano é ministrada a disciplina denominada Sociedade e Cultura, na qual os alunos, com base em um plano de negócios, criam um produto ou um serviço e o comercializam durante todo o período de execução. Na acepção de Audy e Ferreira (2006) para ser empreendedora, uma universidade necessita da motivação e do compromisso de seus integrantes no sentido de reforçar a cultura empreendedora institucional e desenvolver o ideal que caracterize a identidade institucional. Desta forma, Siegel & Wright (2015) destacam algumas ações que devem ser implementadas: elaborar projetos multidisciplinares com resultados de caráter educativo, tecnológico e financeiro; interagir e melhorar a sociedade na qual está inserida, produzindo resultados voltados para o desenvolvimento e o progresso; promover programas voltados ao empreendedorismo; prestar assistência aos novos empreendedores por meio de incubadoras de empresas; e, incluir, nos currículos de alguns cursos ofertados, disciplinas que visem à difusão da cultura empreendedora.

## 2.2 Competências Empreendedoras

O conceito de competência na área de gestão surge na década de 1970 com o trabalho de McClelland (1973), que a observava como algo que proporcionava desempenho superior em relação às ações nas organizações. A referido autor destacou que era indispensável, no contexto das empresas, utilizar testes relacionados às competências dos indivíduos do que os testes de inteligência, pois as competências incorporam, além dos conhecimentos, habilidades e atitudes, outros elementos pessoais como objetivos de vida, desejos, comportamentos.

O termo competência vem sendo usado com frequência cada vez maior no meio organizacional e, muitas empresas estão adotando sistemas de gestão por competências para melhorar o gerenciamento do seu capital humano (Stefaniczen & Zampier, 2017). Para Lizote et al. (2018), as competências por si só não são suficientes para as organizações, é necessário que o funcionário apresente atitudes empreendedoras. As competências empreendedoras assumem

Realização:



conotações distintas, porque tem uma visão mais ampliada do indivíduo, diferenciando-o dos demais do grupo de que faz parte, seja na sociedade ou na organização.

Competências empreendedoras são definidas por Snell e Lau (1994) como conhecimento, habilidade, qualidades individuais ou características pessoais, atitudes e motivações que pode contribuir para o pensamento ou ação concreta do negócio. Para Man e Lau (2000) são consideradas como tipos de características superiores que destacam às pessoas. Elas são diferenciadas pelos traços de personalidade, aptidões e conhecimentos, que refletem na atitude. Esses traços recebem influência exclusiva da experiência de cada indivíduo, desde sua educação familiar.

Para Zarifian (2001) uma pessoa não pode ser obrigada a ser competente, pressupõe-se desta forma que não se obriga ninguém a ser empreendedor. Então, se um indivíduo pode lapidar suas próprias competências, um empreendedor pode edificar e adaptar suas individualidades a fim de criar uma competência empreendedora. De acordo com Mamede; Moreira (2005, p. 4), “a competência empreendedora pode ser tratada tanto como competência do indivíduo quanto relacionada à prática administrativa, devido às diferentes tarefas que desempenham.” Esses autores afirmam que as ações empreendedoras estão associadas às competências por representarem o senso de identificação de oportunidades, bem como as habilidades conceituais, a capacidade de gestão, e ao comprometimento com interesses individuais e da organização.

Vale, Wilkinson e Amâncio (2008) consideram que o empreendedor tem função de desobstruir algumas rotas, preencher discontinuidades existentes nas redes, gerar novas redes e abrir oportunidades de mercado. As competências empreendedoras de relacionamentos exibem a capacidade do empreendedor em atuar em rede e potencializá-las. Segundo Vesala e Pyysiäinen (2008), a competência empreendedora não é uma característica independente e sem ambiguidades. Faz parte de uma estrutura hierárquica que pode abranger distintos tipos de atividades e processos, desde o reconhecimento de uma oportunidade até a sua realização. Para os mesmos autores elas estão a um nível acima de competências técnicas, profissionais ou de gestão, porque se relacionam com a criação, execução e o desenvolvimento de uma empresa.

Para Lenzi (2008), as competências empreendedoras devem ter um foco bem definido na busca de resultados por parte do profissional em prol da empresa. Embora nada possa garantir a assertividade na obtenção destes resultados, o desenvolvimento das competências empreendedoras pode facilitar este processo.

O estudo de Kochadai (2011) define competências empreendedoras como características individuais, estas incluem as atitudes e os comportamentos que, no caso, possibilitam que empresários alcancem e mantenham o sucesso do negócio. Schmitz (2012, p. 73) por sua vez, as conceitua como “comportamento, habilidade e atitude de um indivíduo que, diante de situações críticas de trabalho, motiva-se à busca de soluções, que irão resultar em benefício institucional e satisfação da necessidade de realização do indivíduo”. Na concepção de Silva e Klei (2016), elas envolvem um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que, quando desenvolvidos e colocados em ação pelo indivíduo, de forma integrada e inter-relacionada com o seu contexto (especialmente empresarial), permitem que ele crie um novo empreendimento, ou que contribua para o crescimento e sucesso de seu negócio.

Ao abordar o tema competências empreendedoras, um modelo clássico e de destaque na literatura é o de Cooley (1990) que lista dez características comportamentais. Ele foi adaptado do modelo de competências de McClelland (1973), que sustentava que o estoque de conhecimentos, habilidades e atitudes é o que define o nível de competência de um indivíduo. As dez competências empreendedoras do modelo de Cooley são: 1) busca de oportunidades e iniciativa - BOI; 2) correr risco calculado - CRC; 3) exigência de qualidade e eficiência - EQE; 4) persistência - PER; 5) comprometimento - COM; 6) busca de informações - BDI; 7) estabelecimento de metas - EDM; 8) planejamento e monitoramento sistemático - PMS; 9) persuasão e rede de contatos - PRC; e, 10) independência e autoconfiança - IAC. As mesmas se agrupam em três conjuntos: 1) conjunto de realização, com as cinco primeiras competências; 2) o de planejamento, com as três seguintes; e, 3) o conjunto de poder, com as duas restantes. A abrangência dos comportamentos relacionados às CE contribui para a identificação de fatores geradores de valor, e, portanto, essenciais para o sucesso das organizações.

Para Lenzi (2008), um indivíduo com competências individuais bem definidas poderá utilizá-las para ações empreendedoras. As competências empreendedoras apresentadas Cooley se assemelham as do modelo de competências individuais. O modelo das competências empreendedoras proposto com Cooley, foi adotado no Brasil no estudo de alguns pesquisadores conforme apresentado no Quadro 1.

PESQUISADORES	ESTUDO
Morales (2004)	Realizado no estado de Santa Catarina, com o objetivo medir a intensidade com que os tipos psicológicos junguianos se relacionam com as competências para empreendedores do modelo de Cooley. A análise estatística dos resultados demonstrou uma baixa correlação entre as competências e os tipos psicológicos de Jung. Ou seja, não constitui uma alternativa relevante para o desenvolvimento de programas de capacitação ou de competências empreendedoras, apesar de poder ser utilizada para avaliar outros aspectos comportamentais relacionados ao desempenho laboral. O perfil dos empreendedores verificado por meio do modelo de competências proposto por Cooley apresenta a “Exigência de Qualidade e Eficiência” e “Planejamento e Monitoramento Sistemáticos” como pontos fracos.
Lenzi (2008)	O autor desenvolveu o estudo destacando a identificação e associação de tipos psicológicos de Jung (1990) e competências empreendedoras reconhecidas nas pessoas consideradas empreendedores. A amostra de sua tese foi de 126 pesquisados em 11 empresas de grande porte situadas no estado de Santa Catarina. As competências empreendedoras que mais se sobressaíram foram: correr riscos calculados, persistência, comprometimento, busca de informações e persuasão e rede de contatos. Foi possível confirmar ainda um alto grau de significância na associação dos tipos psicológicos predominantes às competências empreendedoras identificadas por colegas de trabalho.
Rosa; Lapolli (2010)	Ao tratar dos talentos empreendedores no Estado de Santa Catarina afirmam que em determinados contextos algumas competências fazem mais sentidos às ações individuais que outras. Argumentam também que “[...] para atingir o alto desempenho em determinado mercado algumas competências podem ser mais importantes, mas de modo geral todas elas devem estar presentes para que

	uma ação empreendedora gere os resultados esperados [...]”
Lenzi et al. (2012)	Realizado em Santa Catarina com o objetivo de identificar as competências dos empreendedores corporativos ligados à administração pública. O parâmetro de competências veio dos estudos de Cooley integrados aos de Spencer Jr. & Spencer e McClelland. O estudo foi realizado com 25 servidores públicos envolvidos no desenvolvimento de projetos inovadores na Prefeitura de Blumenau. Os resultados apontam como competências empreendedoras que mais se destacam: comprometimento; busca de informações; persistência; planejamento e monitoramento sistemático; persuasão; e rede de contatos.
Schmitz (2012)	Buscou identificar as competências empreendedoras requeridas pelos gestores de Instituições de Ensino Superior. A pesquisa foi realizada em três universidades do Brasil e uma de Portugal. A amostra constitui-se de 134 entrevistados. Os resultados da pesquisa identificaram a independência e a autoconfiança como as mais apontadas.
Lizote (2013)	A autora buscou analisar o relacionamento entre competências empreendedoras, comprometimento organizacional e comportamento intraempreendedor entre si e com o desempenho dos cursos em instituições de ensino superior. O estudo foi realizado com os gestores de níveis intermediários de 5 universidades integrantes da Associação Catarinense das Fundações Educacionais. Os resultados demonstram que o comportamento intraempreendedor se relaciona positiva e significativamente com o desempenho. A dimensão da competência visão empreendedora e o comprometimento afetivo não se associaram diretamente com relevância a ele, devido à ação mediadora do comportamento.
Brasil (2015)	A autora analisou o processo de inovação social a partir das práticas de liderança e competências empreendedoras na esfera da administração pública. O objeto do estudo foi o Concerto de Natal, evento desenvolvido pela Secretaria de Estado e Cultura, no estado do Amazonas, com a participação de crianças, jovens e idosos do Programa Jovem Cidadão, Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro, Corpos Artísticos e Centros de Convivência da Família. Os resultados demonstraram que a prática de liderança, que teve maior correlação foi o desafiar o processo. Quando avaliadas as correlações entre as competências empreendedoras e a nota observou-se que o comprometimento e a busca de informação tiveram associação positiva.
Lizote; Verdinelli, Nascimento; Bervian (2018)	A pesquisa teve como objetivo avaliar como os diretores de centro de uma universidade pública e duas comunitárias do sul do Brasil percebem as competências empreendedoras dos coordenadores de cursos da unidade acadêmica que dirigem e como elas se relacionam aos desempenhos desses cursos, segundo a mensuração que efetua o Ministério da Educação. Os resultados, quando se analisam as competências de modo conjunto, apontam relação positiva com o desempenho. Individualmente, o conjunto “realização” não se relaciona com o desempenho
Behling; Lenzi (2019)	O estudo buscou analisar a relação entre as competências empreendedoras e o comportamento estratégico por meio de levantamento de campo com 211 microempreendedores individuais. Os resultados demonstraram haver diferenças entre as médias para as competências empreendedoras quando comparados os padrões de comportamento estratégico adotados pelos empreendedores.

Quadro 1. Estudos sobre competências empreendedoras

As competências empreendedoras e suas definições operacionais de comportamentos

Realização:

descritas no quadro acima serviram de base para neste trabalho estudar as competências desenvolvidas pelos alunos do ensino médio do CAU. Considera-se que as competências individuais possibilitem aos docentes reconhecer e atuar perante as oportunidades de inovação assumindo os riscos inerentes. Segundo D'Este *et al.* (2012) os professores que integram diversos conhecimentos nos seus trabalhos, efetivando-os desde diferentes perspectivas metodológicas, são mais propensos a desenvolver as competências e a propor novas visões e aplicações.

### 3 Metodologia

A metodologia científica não é apenas a descrição dos procedimentos traçados pelo pesquisador. Quando se fala em método, busca-se explicitar quais são os motivos pelos quais o pesquisador escolheu determinados caminhos e não outros (Carvalho, 2000).

Seguindo este conceito para descrever o tipo de pesquisa a ser realizada, quanto à finalidade, optou-se pela básica, com o intuito de gerar novos conhecimentos. Ander-Egg (1978, p. 33), a define como sendo [...] aquela que procura o progresso científico, a ampliação de conhecimentos teóricos, sem a preocupação de utilizá-las na prática. É a pesquisa formal, tendo em vista generalizações, princípios, leis. Tem por meta o conhecimento pelo conhecimento.

Em relação aos objetivos da pesquisa, foi descritiva. Triviños (1987) conceitua brevemente que esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. Geralmente, para a obtenção dos dados em uma pesquisa descritiva, Gil (2008) afirma que uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Os procedimentos técnicos utilizados foram tanto bibliográficos, indispensável à realização de qualquer pesquisa, quanto de levantamento. Severino (2000) afirma que a pesquisa bibliográfica é uma busca apurada em livros, revistas, sites, jornais, documentários a respeito de um assunto. Este procedimento auxilia na compreensão mais a fundo sobre o problema, trazendo conhecimento sobre o assunto desejado de publicações já realizadas. Em relação ao levantamento, Gil (2008, p. 55) explica que [...] caracteriza-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. [...] solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas para mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados pesquisados.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema pode ser considerado um estudo quantitativo. Este método “[...] considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas [...]” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 69).

A população foi composta pelos alunos que estavam matriculados no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Univali (CAU) em março de 2019. No momento da coleta de dados havia 2 turmas de cada ano (1º, 2º e 3º). Optou-se, por acessibilidade e conveniência, em aplicar em apenas uma turma de cada ano, resultando em uma amostra de 66 respondentes (22 alunos de cada ano), representando 50% da população pesquisada. Os questionários foram aplicados nas salas de aula pelo docente que estava lecionando no dia 22 de março de 2019.

Destaca-se que a disciplina de Sociedade e Cultura é ministrada no 2º ano. Desta forma, os alunos foram avaliados no desenvolvimento das suas competências antes de fazer a disciplina (1º ano), quando estão fazendo a disciplina (2º ano) e após tê-la concluído (3º ano).

O instrumento de coleta, composto por 9 questões, foi elaborado conforme proposta de Lenzi (2008), com as competências empreendedoras do conjunto de realização, as do conjunto de planejamento, e, as do conjunto de poder. A quantificação foi feita através de uma escala do tipo Likert de 7 pontos, na qual o valor 1 representa “discordo totalmente” e o 7 “concordo totalmente”.

Para análise dos dados, à cada afirmativa atribui-se uma pontuação, sendo a pontuação mínima de 22 (analisado por turma) e máxima de 154 pontos para cada pergunta. Este valor é obtido pela multiplicação da menor e maior valoração possível por questão pelo total de respondentes apurados em cada turma (22). Para efetuar as análises descritivas com base na frequência das respostas, os dados coletados foram digitados em uma planilha eletrônica Excel®.

#### 4 Resultados e Análise dos Dados

Nesta seção são apresentados os resultados e as respectivas análises, conforme detalhado na metodologia.

##### 4.1 Competências do Conjunto Realização

O conjunto de realização e conjunto é composto pelas competências de busca de oportunidades e iniciativas, correr riscos calculados, exigência de qualidade e eficiência, persistência e comprometimento. Os resultados estão evidenciados no Quadro 2.

	PERGUNTA	Pontuação máxima	Pontuação obtida			% Pontuação obtida		
			1º ANO	2º ANO	3º ANO	1º ANO	2º ANO	3º ANO
1	Tenho certeza que farei/estou fazendo/fiz um trabalho excelente com relação à proposta da disciplina	154	115	142	142	75%	92%	92%
3	Terei/estou tendo/tive capacidade de criar produtos/serviços que atendessem as necessidades não satisfeitas dos clientes	154	87	129	136	56%	84%	88%
6	Eu terei/estou tendo/tive condições de persistir frente às adversidades	154	71	99	113	46%	64%	73%
7	Sempre posso trabalhar eficazmente em condições de estresse, pressão e conflito	154	81	86	114	53%	56%	74%

Quadro 2. Competências conjunto realização

Realização:



Ao analisar este conjunto de competências se observa que houve evolução no desenvolvimento das mesmas. A primeira questão, trata sobre exigência de qualidade e eficiência. Os alunos responderam que têm certeza que fizeram um excelente trabalho com relação a disciplina. As respostas obtidas no primeiro ano do Ensino Médio, mostram que a pontuação alcançada foi de 75%, subindo este percentual para 92% nos 2º e 3º ano. Hjorth (2011) descreve sobre a importância de provocar os estudantes e de proporcioná-los uma experiência de vida, em que sejam provocados a agirem e refletirem sobre suas ações através da experiência empreendedora.

A questão número 3, trata da competência de correr riscos calculados, onde foi perguntado se os alunos tiveram capacidade de criar produtos/serviços que atendessem as necessidades não satisfeitas dos clientes. As respostas obtidas foram de 56% da pontuação máxima no primeiro ano, 84% no segundo ano e 88% no terceiro ano.

Ainda sobre a competência de realização, a questão número 6 tratou sobre persistência, perguntando aos alunos se tiveram condições de persistir frente as diversidades. No primeiro ano a pontuação máxima foi de 46%, no segundo ano de 64% e no terceiro ano de 73%. Identificamos uma grande variação positiva desta competência. Neste sentido, Dornelas (2003) já colocava que o empreendedor, é alguém capaz de desenvolver uma visão sobre negócios, persuadir pessoas e identificar uma oportunidade de mercado onde os outros nada ou pouco enxergam. Além disso, eles têm energia, esperança e paixão pelo que fazem.

Na questão 7, foi discutida a competência de comprometimento, sendo questionado se o aluno pode trabalhar eficazmente em condições de estresse, pressão e conflito, sendo as respostas obtidas de 53% do primeiro ano, 56% no segundo ano e 74% no terceiro ano.

Percebe-se que os dois itens que tiveram menor evolução, embora considerada satisfatória, foi a persistência e o saber lidar em situações de stress e conflitos. Infere-se que isso ocorre pelo fato de seres jovens inexperientes e que para a maioria é o seu primeiro contato com o mundo corporativo como gestores e tomadores de decisões.

Diante dos resultados obtidos, se observa que a gestão escolar pode ser ampla, em função do papel de liderança do gestor, e que “essas condições somente são garantidas mediante a adoção de uma sistemática de planejamento das ações” (Lück, p. 32, 2009). Ele relaciona sequencialmente busca de informações para planejar e monitorar as ações, calcular os riscos e ser persistente e, por isto, deveria ter uma associação positiva e significativa com o comportamento.

## 4.2 Competências do Conjunto Planejamento

Na sequência, conforme se exhibe no Quadro 3, estão apresentados os resultados do conjunto de competências do planejamento, o qual contempla a busca de informação, estabelecimento de metas e planejamento e monitoramento sistemáticos.

Realização:

PERGUNTA	Pontuação máxima	Pontuação obtida			% Pontuação obtida		
		1º ANO	2º ANO	3º ANO	1º ANO	2º ANO	3º ANO
2 Sei que poderei/estou podendo/pude reconhecer novas oportunidades e mercados para novos produtos/serviços	154	112	138	142	73%	90%	92%
4 Sei que poderei/estou podendo/pude desenvolver um clima apropriado que possibilitará/está possibilitando/possibilitou o grupo fazer coisas novas	154	83	126	142	54%	82%	92%
8 As minhas habilidades inovativas estarão/estão/estiveram acima da média da turma	154	79	115	129	51%	75%	84%

Quadro 3. Competências conjunto de planejamento

O conjunto de planejamento, da mesma forma que o de realização, proporcionou aos discentes o desenvolvimento das competências nele inseridas. Ao analisar os referidos resultados, se verifica que na questão número 2, correspondente à competência de busca de informação, sendo perguntado aos alunos se conseguem reconhecer as novas oportunidades e mercados para novos produtos e serviços houve um substancial crescimento de 73%, 90% e 92% para o primeiro, segundo e terceiro ano respectivamente.

A questão número 4, versou sobre planejamento e monitoramento sistemáticos. Investigou-se se os alunos podem desenvolver um clima apropriado que possibilita ao grupo fazer coisas novas, as respostas obtidas, foram de 54%, 82% e 92% respectivamente para o primeiro, segundo e terceiro anos.

A questão número 8, fala sobre estabelecimento de metas. Foi questionado se as habilidades inovativas dos alunos estiveram acima da média da turma e as respostas obtidas, foram de 51%, 75% e 84% respectivamente para o primeiro, segundo e terceiro anos.

Os resultados apontam que os discentes buscaram estar informados sobre o mercado, planejaram e controlaram as ações desenvolvidas. Nesse sentido, Rocha e Freitas (2014) orientam que a experiência na educação empreendedora se refere ao planejamento de negócios, a participação em jogos e simuladores empresariais, experimentando o exercício da negociação, desenvolvendo produtos e criando oportunidades de negócios. Esse tipo de experiência tem o objetivo de orientar os estudantes a se tornarem empreendedores, criando seus próprios negócios e fomentando a economia.

### 4.3 Competências do Conjunto Poder

Por fim, o último conjunto analisado foi referente ao poder, que são relativas à persuasão e rede de contatos e à independência e autoconfiança. Os resultados são apresentados no Quadro 4.

	PERGUNTA	Pontuação máxima	Pontuação obtida			% Pontuação obtida		
			1º ANO	2º ANO	3º ANO	1º ANO	2º ANO	3º ANO
5	Eu senti que me sai/sairei e estou saindo muito bem na criação do produto/serviço definido pelo grupo	154	78	126	140	51%	82%	91%
9	Acredito que o produto/serviço que criei/criarei/estou criando criado teve/terá/está tendo um longo sucesso comercial	154	83	148	139	54%	96%	90%

Quadro 4. Competências conjunto de poder

Os resultados deste conjunto seguem a mesma direção que as competências anteriores, ou seja, também foram desenvolvidas na prática da disciplina ofertada. Ao analisar os resultados, se verifica que na questão número 5, a qual trata de persuasão e rede de contatos, foi questionado se o aluno sentiu que se saiu muito bem na criação do produto/serviço definido pelo grupo, as respostas obtidas, foram 51%, 82% e 91%, respectivamente para o primeiro, segundo e terceiro anos. Manter uma rede de contatos é fundamental pois para adaptar-se de maneira consistente ao ambiente, é importante que os empreendedores se mantenham atentos, atualizados e utilizem efetivamente as informações oriundas do ambiente externo na sua tomada de decisões (Cancellier, 2013).

A questão 9, refere se a ‘independência’ e ‘autoconfiança’. Foi questionado se o aluno acredita que o produto/serviço criado teve um longo sucesso comercial, e as respostas obtidas, foram de 54%, 96% e 90%, respectivamente para o primeiro, segundo e terceiro anos. Para Hashimoto e Fonseca (2018), ao promover a capacidade empreendedora, proporcionamos opções de carreira aos jovens que não querem um emprego, trazendo novos valores que dão mais opções a eles.

### 5 Considerações Finais

O empreendedorismo começa pela educação, em todos os níveis da vida acadêmica. É preciso formar pessoas que sejam mais autônomas, criativas e capazes de liderar a partir do desenvolvimento de suas competências. O objetivo principal da pesquisa foi reconhecer as competências empreendedoras que os alunos desenvolveram no Ensino Médio do CAU com a disciplina de Sociedade e Cultura.

Os resultados evidenciaram que todas as competências empreendedoras do modelo

analisadas foram desenvolvidas com a realização da referida disciplina. Destaca-se a busca de oportunidade e comprometimento no conjunto de realização ao afirmarem estarem satisfeitos com a disciplina. No planejamento, predominou o reconhecimento de oportunidades para criar novos produtos/serviços, desenvolvendo a competência de busca de informações. Por fim, no conjunto poder, os discentes afirmaram que acreditam no sucesso do empreendimento constituído na disciplina, ou seja, desenvolveram a autoconfiança.

Os resultados obtidos em todos os conjuntos das competências convergem com as colocações de Lima et al. (2014), ao evidenciarem que as características pessoais e as habilidades para empreender podem ser geradas e aperfeiçoadas com a educação empreendedora. Para o desenvolvimento efetivo de habilidades pessoais e gerenciais, os métodos de ensino devem ser voltados à ação, baseados na experiência e de caráter vivencial.

Para Kassean et al. (2015), o sucesso da educação empreendedora depende principalmente da definição dos objetivos de aprendizagem e da compreensão das intenções dos estudantes para se criar um programa ou processo de ensino por meio de recursos que privilegiem a prática experimental. O conceito de experiência é discutido por Dewey (2010) como uma experiência que se delinea pelas situações e episódios que ficam registradas na memória e que, assim, ocorrem os aprendizados.

Com isso, conclui-se que a aplicação da disciplina de Sociedade e Cultura atendeu ao objetivo de proporcionar ao aluno um aprendizado sobre o empreendedorismo, despertando suas competências para sua melhor atuação no mercado de trabalho.

Este trabalho proporcionou o aprimoramento dos conhecimentos, mais especificamente sobre o processo empreendedor e a importância do ensino dessa disciplina no ambiente escolar. Ficou evidente que a referida disciplina promove ao jovem um aprimoramento das características necessárias para atuação no mercado de trabalho, o que poderá impactar diretamente na expansão do mesmo e na economia.

Diante das conclusões deste estudo, percebe-se a importância de as entidades governamentais promoverem programas nacionais de educação empreendedora em todos os níveis escolares. É preciso preparar os jovens desde o ensino fundamental a desempenharem papéis de empreendedores, procurando assim, estimular a criação de novos empreendimentos ou negócios. E essa capacitação profissional, através do ensino de empreendedorismo é que forma uma economia competitiva em níveis globais

Para pesquisas futuras, sugere-se aplicar pesquisas com os alunos egresso do CAU, para verificar se os mesmos se tornaram empreendedores e obtiveram um longo sucesso comercial com o produto/serviço criado.

## Referências

Ander-Egg, E. (1978). *Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales*. (7 ed.) Buenos Aires: Humanitas.

Audy, J.; Ferreira, G. (2006). Universidade empreendedora: uma visão da PUCRS. In: Audy, J. L. N.; Morosini, M. C. (Orgs.). *Inovação e empreendedorismo na universidade*. Porto

Realização:



Alegre: EDIPUCRS.

Azevedo, A. C. de. (2015). *As práticas de ensino do empreendedorismo na formação dos acadêmicos de graduação do centro de ciências sociais aplicadas - gestão de uma universidade comunitária de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, SC.

Balconi, S. B. (2016). *A influência das atividades de educação empreendedora sobre as características empreendedoras dos alunos de graduação da UFSM*. Dissertação (Mestrado em Gestão de Organizações Públicas). UFSM, Santa Maria, RS.

Behling, G. & Lenzi, F. C. (2019). Competências empreendedoras e comportamento estratégico: um estudo com microempreendedores em um país emergente. *Brazilian Business Review*, 16(3), 255-272.

Brasil, M. L. A. do V. (2015). *O processo de inovação social a partir de práticas de liderança e de competências empreendedoras: um estudo no setor cultural do estado do Amazonas*. 2015. 207 f. Tese (Doutorado em Administração e Turismo) – Pós-Graduação em Administração e Turismo, Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, 2015.

Cancellier, E. L. P. L. (2013). O monitoramento de concorrentes na pequena empresa: um estudo de caso em empresa catarinense. *Contextus-Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 11(1), 25-38.

Carvalho, A. et al. (2000). *Aprendendo metodologia científica*. São Paulo: O Nome da Rosa.

Cheung, C. K. & Au, E. (2010). Running a small business by students in a secondary school: its impact on learning about entrepreneurship. *Journal of Entrepreneurship Education*, 13, 2010.

Cooley, L. (1990). *Entrepreneurship training and the strengthening of entrepreneurial performance*. Washington: USAID.

Cooley, L. (1991). *Seminário para fundadores de empresa*. Manual del Capacitador. Washington: MSI.

D’este, P., Mahdi, S., Neely, A. & Rentocchini, F. (2012). Inventors and entrepreneurs in academia: what types of skills and experience matter? *Technovation*, 32, p. 293-303.

Dewey, J. (2010). *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes.

Endeavor Brasil. (2016). *Pesquisa Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras*. Recuperado de <https://endeavor.org.br/pesquisa-universidades-empreendedorismo-2016/>

Etzkowitz, H. (2003). Research groups as “quasi-firms”: the invention of the entrepreneurial university. *Research Policy*, 32(1), 109-121.

Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4. ed.). São Paulo: Atlas.

Hashimoto, M., Krakauer, P. V. de C. & Cardoso, A. M. (2018). Inovações nas técnicas pedagógicas para a formação de empreendedores. *Revista Pensamento Contemporâneo em*

*Administração*, 12(4), 17-38

Hjorth, D. (2011). On provocation, education and entrepreneurship. *Entrepreneurship & Regional Development*, 23(1), 49-63.

Kassean, et al. (2015). Entrepreneurship education: a need for reflection, real-world experience and action. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 21(5), 690-708.

Kochadai, M. (2011). *Entrepreneurial competency: a study with reference to socially and economically. Backward Communities in Chennai City*, Master Thesis, Department of Commerce School of Management, Podicherry University, India.

Lenzi, F. C. (2008). *Os empreendedores corporativos nas empresas de grande porte: um estudo da associação entre tipos psicológicos e competências empreendedoras*. 2008. Tese (Doutorado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo FEA/USP.

Lenzi, F. C., Ramos, F., Maccari, E. A. & Martens, C. D. P. (2012). O desenvolvimento de competências empreendedoras na administração pública: um estudo com empreendedores corporativos na prefeitura de Blumenau, Santa Catarina. *Gestão & Regionalidade*, 2(82), 117-129.

Lima, E., Hashimoto, M., Melhado, J. & Rocha, R. (2014). Brasil: Em busca de uma Educação Superior Em Empreendedorismo De Qualidade. In: Gimenez, F. A. P.; Camargo, E. C. & Moraes; A. D. L. (Eds.) *Educação para o empreendedorismo*. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR.

Lima, E., Hashimoto, M., Melhado, J., Rocha, R. (2014). Brasil: Em busca de uma Educação Superior em Empreendedorismo de Qualidade. In: Gimenez, F. A. P.; Camargo, E. C. Moraes; A. D. L. (Eds.) *Educação para o empreendedorismo*. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR.

Lizote, S. A. (2013). *Relação entre competências empreendedoras, comprometimento organizacional, comportamento intraempreendedor e desempenho em universidades*. 2013. 162 f. Tese (Doutorado em Administração e Turismo) - Pós-Graduação em Administração e Turismo, Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu.

Lizote, S. A., Alves, C. S. R., Verdinelli, M. A. & Terres, J. C. (2017). Capital humano e sua relação com o desempenho organizacional em empresas prestadoras de serviços contábeis. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 16(48), 24-38.

Lizote, S. A., Verdinelli, M. A., Nascimento S. & Bervian, L. M. (2018). Competências empreendedoras e desempenho dos cursos de graduação: um estudo de suas relações a partir da percepção dos diretores de centro. *Revista de Administração Contemporânea*, 22(3), 311-335.

Lück, H. (2009). Dimensões de gestão escolar e suas competências. Curitiba: Editora Positivo.

Mamede, M. I. de B. & Moreira, M. Z. (2005). Perfil de competências empreendedoras dos

investidores Portugueses e Brasileiros: Um estudo comparativo na rede hoteleira do Ceará. In: XXIX Encontro Anual da ANPAD. *Anais...* Brasília/DF.

Man, T. W. Y. & Lau, T. (2000). Entrepreneurial competencies of SME owner/managers in the Hong Kong services sector: a qualitative analysis. *Journal of Enterprising Culture*, 8(3), 235-254.

Mcclelland, D. C. (1973). Testing for competence rather than for intelligence. *American Psychologist*, 28(1), p. 1.

Morales, S. A. (2004). *Relação entre competências e tipos psicológicos junguianos*. 2004. 199f. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Prodanov, C. C. & Freitas, E. C. de. (2013). Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. ( ) Novo Hamburgo: Universidade Freevale.

Rocha, E. L. C. & Freitas, A. A. F. (2014). Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. *Revista de Administração Contemporânea*, 18(4), 465-486.

Rosa, S. B. & Lapolli, E. M. (2010). Santa Catarina: um estado que é uma vitrine de talentos. In: Lapolli, E. M., Franzani, A. M. B. & Souza, V. A. B. (Orgs). Vitrine de talentos: notáveis empreendedores em Santa Catarina. Florianópolis: Pandion.

Schmitz, A. L. F. (2012). *Competências empreendedoras: os desafios dos gestores de instituições de ensino superior como agentes de mudanças*. 2012. 281 f. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Severino, A. J. (2000). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.

Siegel, D. S. & Wright, M (2015). Academic entrepreneurship: time for rethink? *British Journal of Management*, 26(4), 582-595.

Silva, J. F. & Pena, R. P. M. (2017). O “BÊ-Á-BÁ” do ensino em empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(2), 372-40.

Snell, R. & Lau, A. (1994). Exploring local competences salient for expanding small business. *Journal of Management Development*, 13(4), 4-15.

Stefaniczen, J. & Zampier, M. A. (2017). Competências dos profissionais de fisioterapia: estudo em um município da Região Centro Oeste do Paraná. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 11(2), 33-57.

Triviños, A. N. S. (1987). Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas.

Unesco. (1998). *Declaración mundial sobre la educación superior en el siglo XXI: visión y acción*. Paris: UNESCO.

Unesco. (2009). *Conferencia mundial sobre la educación superior 2009: La nueva dinámica de la educación superior y la investigación para el cambio social y el desarrollo*. Paris: UNESCO.

Vale, G. V., Wilkinson, J. & Amâncio, R. (2008). Empreendedorismo, inovação e redes: uma nova abordagem. *RAE-eletrônica*, 7(1).

Vesala, K. M. & Pyysiäinen, (2008). J. Understanding entrepreneurial skills in the farm context. *Research Institute of Organic Agriculture*. Switzerland: Frick.

Zarifian, P. (2001). *Objetivo competência: por uma nova lógica*. São Paulo: Atlas.

Realização:

